

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado está voltada para a investigação da flutuação existente no emprego do subjuntivo em contextos orais do Português do Brasil, com ênfase na variação subjuntivo/indicativo, mas também com algumas observações quanto à variação no emprego dos tempos do subjuntivo. Ao nos referirmos à *flutuação* no emprego do subjuntivo, não estamos aqui fazendo alusão aos casos de construções que admitem tanto o subjuntivo quanto o indicativo, muitos deles já apontados pela Tradição Gramatical, e ilustrados nos seguintes exemplos (cf. Pereira, 1974; Câmara Jr., 1975; Silva, 1981; Medeiros, 1996):

- (1) a. *Todos acreditam que Pedro seja o culpado pelo crime.*
b. *Todos acreditam que Pedro é o culpado pelo crime.*
- (2) a. *Não parece que Laura esteja grávida.*
b. *Não parece que Laura está grávida.*
- (3) a. *É certo que Maria venha ao Rio ainda este mês.*
b. *É certo que Maria vem ao Rio ainda este mês.*
- (4) a. *Quero contratar um digitador que seja competente.*
b. *Quero contratar um digitador que é competente.*

Por *flutuação* estamos entendendo, neste trabalho, aqueles casos em que, em maior ou menor grau, a expectativa de emprego do subjuntivo, ou de algum tempo específico do subjuntivo, é contrariada, gerando enunciados de aceitabilidade duvidosa no âmbito da variante padrão do português (cf. Bagno, 2000; Perini, 2001), conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (5) *Talvez em cada mil, mil pessoas, talvez tem umas seis pessoas com algum tipo de deficiência, com algum tipo de perda auditiva, vamos dizer assim. (Sem Censura – 28/08/2002)*

(6) *Bem, eu acho que pra ele que tá chegou nesse debate aí numa fase muito, muito pequenininho né, eu acho que ele foi bom, foi bom, embora eu concordo também com a maioria aqui de que o Lula foi excepcional do ponto de vista de que ele disse que entende das coisas. (Olhar 2002 – 05/08/2002)*

(7) *Caso você tiver vestígios de sombra preta debaixo dos olhos, o pó compacto vai ajudar pra não borrar. (Pra Você – 03/09/2002)*

(8) *Eu espero que Minas vai ter muito desenvolvimento. (MG TV – 06/08/2002)*

(9) *Enquanto aguardamos, é importante que ficamos em silêncio pra não atrapalhar o trabalho dos colegas. (Frase registrada durante uma palestra em um centro espírita de Juiz de Fora – 16/08/2002)*

(10) *O funcionário só deve trocar a caneta quando a tinta da que ele tá usando ter acabado. (MG TV – 03/08/2002)*

Estes enunciados, todos produzidos por falantes da variante padrão do português, são, diferentemente dos anteriores (1-4), relativamente pouco estudados, embora passíveis de serem detectados com bastante frequência no uso cotidiano da linguagem.

Por razões que ficarão claras a seguir, estaremos considerando como emprego *regular* do subjuntivo aquele que é encontrado com maior constância e homogeneidade na modalidade escrita padrão do português, manifestando-se também na modalidade oral padrão, ainda que mais sujeito às flutuações que constituem o objeto deste trabalho e que podem ser ilustradas pelos exemplos (5-10) acima.

Os parâmetros que, neste trabalho, orientam o uso dos termos *regularidade* e *flutuação* no emprego do subjuntivo podem, então, ser convenientemente representados da seguinte forma:

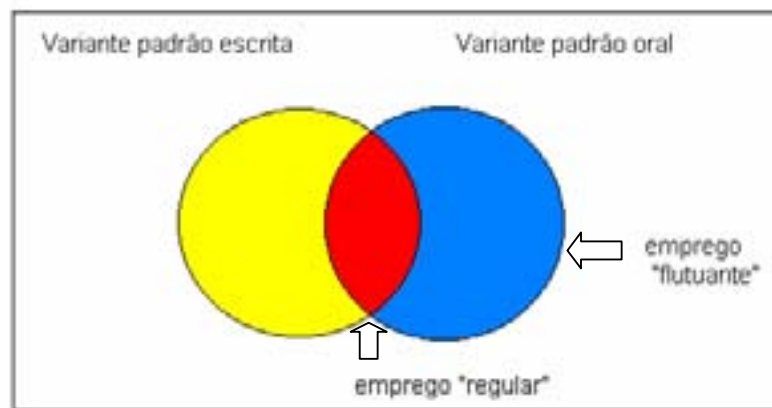


Figura 1: Parâmetros de *regularidade* e de *flutuação* no emprego do modo subjuntivo em português

Neste trabalho, estaremos focalizando o emprego do subjuntivo na variante padrão oral do português, mais especificamente as discrepâncias entre o que estamos chamando de uso regular – área de interseção em que o emprego na variante escrita tende a coincidir com aquele encontrado na variante oral – e o que chamamos de uso flutuante – área de cor azul.

No que se refere aos termos “flutuante” e “regular”, os mesmos estão entre aspas para marcar que não devem ser compreendidos de modo absoluto, mas apenas na relação que mantêm entre si – e com os sentidos específicos que assumem neste trabalho. Isso quer dizer que não desejamos sugerir que não haja flutuação no emprego do subjuntivo na variante padrão escrita; de fato, há (cf. Fiorim, 1999; Scherer, 1999); tampouco que não haja regularidade nos empregos orais discrepantes em relação à modalidade escrita – nosso trabalho, com efeito, tem interesse em revelar o que há de regular nesses usos discrepantes.

Nesse sentido, um limite importante para nossa análise é que, mesmo com relação à variante padrão escrita, eleita explícita ou implicitamente como foco privilegiado por boa parte da literatura sobre o subjuntivo em português, os padrões que regulam o emprego deste modo verbal estão ainda bem longe de terem sido capturados de forma abrangente e detalhada. Isso significa que, ao tematizar o contraste entre usos mais regulares e usos mais flutuantes do subjuntivo, não estaremos transitando entre um terreno completamente mapeado e outro inexplorado – neste contraste, portanto, só poderemos recorrer aos aspectos regulares já descritos pela literatura, sobretudo para a variante escrita, mas com a consciência dos limites dessa descrição.

Feitos estes esclarecimentos e ressalvas, podemos compreender com maior precisão o modo específico como este trabalho focaliza a tensão entre regularidade e irregularidade no emprego do subjuntivo em contextos orais no português. A constatação desta tensão e a pouca literatura acerca do assunto foram fatores determinantes para impulsionar nossa busca da identificação de estruturas típicas e/ou contextos de produção propiciadores da flutuação entre o subjuntivo e o indicativo.

Cabe agora explicar por que estamos tomando a variante padrão escrita como parâmetro máximo de regularidade no emprego do subjuntivo em português. Tal escolha relaciona-se ao fato de que este trabalho tem um horizonte de aplicação: motiva-nos, primordialmente, o interesse em contribuir para a área de Ensino de Português para Estrangeiros.

De um modo geral, e com boas razões, tal ensino volta-se para a variante padrão da linguagem (cf. Prista, 1966; Thomas, 1974; Hutchinson & Lloyd, 1996; Tyson-Ward, 1997). No caso específico do português, entre a variante padrão escrita e a variante padrão oral existem diferenças bastante acentuadas. Segundo Perini (2001, 36), pode-se dizer que “há duas línguas no Brasil: uma que se escreve [...] e outra que se fala”. Essa desigualdade verificada no português é muito mais acentuada do que aquela observada em outras línguas como o inglês e o francês, línguas cujos falantes experimentam em geral uma significativa coincidência entre a variante padrão escrita e a oral. Dessa forma, a situação diferente que se encontra em português acaba se tornando fonte de notórios problemas para o ensino de português para estrangeiros, em que por vezes há que se ensinar “duas línguas” padrão. Diante de tal fato, acreditamos que um maior conhecimento sobre as zonas de discrepância existentes entre o oral e o escrito no português é algo que só pode trazer proveito para a área.

Neste contexto, conforme apontam Martins e Medeiros (1996), o emprego e a flutuação no emprego do subjuntivo são pontos reconhecidamente problemáticos. Sabemos que seja qual for a abordagem de ensino utilizada – estruturalista, comunicativa, cognitivista, dentre outras – o fato é que o trabalho com o subjuntivo se volta invariavelmente para os seus usos regulares. Autores de gramáticas de português para estrangeiros tais como Prista (1966, 65-67), Hutchinson & Lloyd (1996, 65, 66) e Tyson-Ward (1997, 33-38), para citar apenas alguns, apresentam em suas obras, consideradas como de referência, regras

para o emprego do subjuntivo de forma a salientar usos regulares mais presentes na escrita padrão.

Se apresentar os aspectos regulares do emprego do subjuntivo tem-se mostrado uma estratégia satisfatória em níveis iniciais e intermediários, conforme atestam Martins e Medeiros (1996), o mesmo já não se verifica quando se trata de alunos com maior domínio do sistema lingüístico e, portanto, também com maior capacidade para perceber situações de flutuação no emprego do subjuntivo em que os parâmetros por eles adquiridos parecem não se aplicar ou se aplicar de forma pouco clara. Segundo as autoras, essas discrepâncias entre o que os alunos aprendem nos níveis iniciais e intermediários e as várias possibilidades de emprego do subjuntivo das quais os falantes nativos fazem uso e que eles, em níveis avançados, passam a ser cada vez mais capazes de perceber, acabam gerando insegurança no uso das regras por eles já internalizadas.

Verifica-se, além disso, que às dificuldades dos alunos soma-se a ausência de trabalhos que apresentem um tratamento realmente satisfatório da questão, pois, muito embora haja uma vasta literatura sobre o subjuntivo (cf. Pereira, 1974; Câmara Jr., 1975, 1996a, b; Silva, 1981; Medeiros, 1996; Mateus et alii (1989); Perini, 2000; dentre outros), no que tange a seu emprego, via de regra, os autores centram-se nas regularidades, mencionando a flutuação entre o subjuntivo e o indicativo apenas em alguns casos isolados, quando o fazem.

Diante de tal quadro, questões como: *A flutuação é aleatória?*; *Há subregularidades?*; *Há contextos mais e menos favoráveis a flutuações?*; ainda não foram integralmente respondidas.

Nosso intuito aqui não é responder a estas perguntas de forma abrangente e conclusiva – tarefa que excederia em muito o escopo razoável para uma pesquisa em nível de mestrado. Temos como meta geral, no entanto, apresentar resultados descritivos específicos que forneçam alguns elementos para a obtenção destas respostas, de modo que este trabalho possa contribuir não só para a área de Ensino de Português como Segunda Língua mas também para a descrição do Português como um todo.

Destarte, passaremos a expor os objetivos que almejamos alcançar, a hipótese que norteia nosso trabalho, a metodologia por nós adotada, bem como a estrutura desta dissertação.

1.1

Objetivos

- (i) Descrever situações de flutuação no emprego do subjuntivo no português oral em sua variante padrão.
- (ii) Identificar fatores que motivam a flutuação no emprego do subjuntivo e determinar possíveis regularidades subjacentes a essa flutuação.

1.2

Hipótese

A expectativa do presente trabalho é de que a análise do *corpus* leve à confirmação da hipótese preliminar de que a flutuação no emprego do subjuntivo é parcialmente previsível, ou seja, a flutuação não é completamente assistemática, sendo possível determinar regularidades subjacentes à mesma, bem como fatores que a motivam.

1.3

Metodologia

O trabalho se debruça sobre um *corpus* composto integralmente de enunciados produzidos por falantes da variante padrão do português.

Sua parcela mais expressiva foi retirada da base de dados do projeto de formação de professores *O processo da leitura na formação de professores para a escola fundamental*, integrante do Programa Nacional Pró-Leitura e encubado pelo Núcleo de Pesquisa e Ensino de Linguagem (NUPEL-UFJF), o qual abriga projetos de investigação e intervenção nessa área, reunindo pesquisadores da Faculdade de Educação, do Curso de Letras e do Colégio de Aplicação João XXIII. A base de dados que serviu a nosso trabalho constitui-se da produção oral de doze professores de ensino fundamental, médio e especialistas de uma escola pública de Juiz de Fora, durante o período letivo de 1996/1997.

Foram utilizados, ainda, para a composição de nosso *corpus*, dados coletados em programas de televisão tais como *Sem Censura*; *Olhar 2002*; *Mundo Clipper*; *Intimação*; *MG TV*; *De frente com Gabi*; *Programa do Jô*; *Jornal da*

Globo; Pra você e Clodovil; além de dados coletados em situações cotidianas de comunicação, durante os meses de março a setembro de 2002.

Esse *corpus*, composto de casos em que ocorre flutuação no uso do subjuntivo e também de casos de uso regular do mesmo, foi por nós classificado segundo parâmetros que ficarão mais claros nos capítulos posteriores, mas que podem ser resumidos da seguinte forma:

Em primeiro lugar, separamos os casos de uso regular e os casos de flutuação no uso do subjuntivo e, estes últimos, conforme o tipo de flutuação existente, se entre o subjuntivo e o indicativo ou se entre tempos do subjuntivo. Em seguida, classificamos os dados morfossintaticamente, indicando os casos de uso regular do subjuntivo, bem como os casos de flutuação em orações *independentes, complementares e oblíquas*. Por fim, classificamos os dados de um ponto de vista semântico-pragmático, seguindo os seguintes critérios: em primeiro lugar, separamos os casos de uso modal e de uso não-modal da categoria do subjuntivo; em seguida, dentre os casos de uso modal, identificamos os casos regulares e os de flutuação de expressão da modalidade deôntica e da modalidade epistêmica, indicando os tipos de atos de fala associados às construções com o subjuntivo analisadas.

1.4

Estrutura da dissertação

O conteúdo deste trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma:

No capítulo 2, indicamos os pressupostos teóricos que servem de arcabouço a este estudo, tomando por base alguns constructos da abordagem cognitivista da linguagem, bem como algumas proposições de Palmer (1986). O capítulo consta de duas seções: a primeira apresenta o que estaremos pressupondo acerca do funcionamento das categorias gramaticais e das categorias humanas de uma forma geral; e a segunda explicita o que estaremos pressupondo acerca das categorias específicas da modalidade e do modo. No capítulo 3, tratamos mais detidamente da categoria do subjuntivo em português, apresentando fatos descritos na literatura sobre o assunto e reinterpretando-os à luz da abordagem cognitivista proposta. No capítulo 4, que consta de três seções, procedemos a análise dos dados, da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos uma

discussão geral acerca do fenômeno da flutuação no emprego do subjuntivo em português e enunciamos nossa tese sobre uma de suas possíveis motivações mais globais; na segunda seção, mostramos como essa tese pode ser corroborada por generalizações referentes à flutuação subjuntivo/indicativo em português; na terceira seção, fazemos, por fim, algumas generalizações referentes à flutuação no uso dos tempos do subjuntivo em português. No capítulo 5, explicitamos nossas conclusões.